

Apicultura em Columela e Paládio: visada temático-estrutural e estilística

Beekeeping in Columella and Palladius: A Thematic, Structural and Stylistic Approach

Matheus Trevizam

Universidade Federal de Minas Gerais
(UFMG) | Belo Horizonte | MG | BR
matheustrevizam2000@yahoo.com.br
<https://orcid.org/0000-0002-1744-3380>

Resumo: Neste artigo, examinamos aspectos de duas obras da literatura técnica produzida em Roma Antiga. Referimo-nos ao tratado chamado *De re rustica* (séc. I d.C.) e àquele cujo nome é *Opus agriculturae* (séc. IV-V d.C.). Primeiramente, apresentamos as duas obras citadas no tocante à sua estruturação básica e temas, com o objetivo de favorecer a introdução ao assunto estudado. Em seguida, focalizando o tema das abelhas, esclarecemos a importância do mel, equivalente ao açúcar na Antiguidade, e da cera de abelha em Roma Antiga. Depois, diferenciamos a organização dos livros do tratado *De re rustica* e de *Opus agriculturae*. Além disso, retomamos com mais foco os assuntos de apicultura nas duas obras e ainda comparamos, com base em trechos sobre a apicultura, o estilo de Columela – mais copioso e variado – e o de Paládio – mais conciso e “objetivo”.

Palavras-chave: Columela; Paládio; *De re rustica*; *Opus agriculturae*; composição; estilo.

Abstract: This article examines two pieces of technical literature written in ancient Rome. We are referring to the treatises *De re rustica* (1st century AD) and *Opus agriculturae* (4th–5th century AD). To begin, we provide the two works listed in terms of their basic structure and themes, with the goal of easing an introduction to the topic examined. Then, focusing on bees, we discuss the importance of honey, which was similar to sugar in antiquity, and beeswax in ancient Rome. Next, we distinguish the organization of the books in the works *De re rustica* and *Opus agriculturae*. Furthermore, we reiterate, with a deeper focus, beekeeping issues in both works. We also compare Columella’s style (richer and varied)



to Palladius' (briefer and "objective") using selected extracts.

Keywords: Columella; Palladius; *De re rustica*; *Opus agriculturae*; composition; style.

Introdução: apresentação das obras de Columela e Paládio

Durante o séc. I d.C., viveu e produziu em Roma Antiga seu mais acurado especialista em agronomia: citamos Lúcio Júnio Moderato Columela (4-70 d.C.),¹ autor do tratado *De re rustica*, com vastos doze livros, e ainda do opúsculo *De arboribus*. Naquela obra, após um livro introdutório a conter assuntos como a crítica ao relativo "abandono" da agricultura nos tempos do autor (proêmio),² a apresentação dos traços gerais de um *fundus* ("fazenda") e sua organização, seguem-se dois blocos temáticos básicos. O primeiro desses blocos é constituído pelos livros II-V, com foco preceituador sobre a agricultura (plantio de cereais, vinhas, oliveiras etc); o segundo (livros VI-IX) recobre a criação animal (bovinos, ovinos, aves de granja, abelhas etc).

Mais ao final deste *De re rustica*, concentram-se tópicos temáticos de grande especificidade, em certa medida negligenciados ou ausentes de outras obras latinas com conteúdo agrário. Assim, retomando uma sugestão dada por Virgílio em *Geórgicas* IV, 147-148,³ o livro X tematiza a cultura das hortas, onde legumes, ervas ou mesmo flores eram plantados para uso cotidiano na alimentação, farmacopeia ou outros. Os dois livros de fecho do tratado abordam, respectivamente, as obrigações do *uilicus* ("administrador" da fazenda) e de sua companheira, a *uilica*. No livro XI, ainda, encontra-se uma espécie de retomada em prosa dos assuntos desenvolvidos poeticamente naquele de número X, enquanto o derradeiro agrega várias soluções de economia doméstica (receitas culinárias, conservação de alimentos etc) ao delineamento do perfil da *uilica* ideal.

Muito distintos são o momento histórico e a composição do tratado dito *Opus agriculturae*, o qual tem sido atribuído a Rutílio Tauro Emiliano Paládio (séc. IV-V d.C.). Diante das relativas dificuldades de elucidação da obra, os filólogos serviram-se de pequenos detalhes

¹ Indicações presentes ao longo do texto do *De re rustica* – vasta erudição livresca, referências a terras que o autor teria possuído (em Árdea, Carsoli ou Alba, no Lácio), amizade com Júnio Galião (irmão do filósofo Lúcio Aneu Sêneca) – situam Columela nos altos estratos da sociedade de Roma imperial (Armendáriz, 1995, p. 26).

² Columela tenta, aqui, desfazer a ideia de que a fraca produtividade da terra, em sua época, seria devida a uma espécie de esgotamento natural do solo. Na verdade, ele entendia que tal falha resultara da falta de interesse dos homens coevos na prática de bons princípios agrícolas, lamentando a perda de vínculos dos romanos com seu passado camponês.

³ Virgílio, *Geórgicas* IV, 147-148: *Verum haec ipse equidem spatiis exclusus iniquis/ praetereo atque aliis post me memoranda relinquo.* – "Mas isto, decerto impedido pela pequenez do espaço,/ eu mesmo omito e deixo a outros, para lembrarem depois de mim" (todas as traduções são nossas, exceto aviso em contrário). Trata-se de versos transitórios entre o final da digressão do Velho corício – espécie de modesto cultivador autossuficiente de um jardim – e a parte na qual o poeta inicia o tratamento dos instintos das abelhas. Justamente, os tópicos hortenses da digressão referida não podem continuar ganhando desenvolvimento no Canto final das *Geórgicas* porque Virgílio logo necessita prosseguir, depois dela, ao tema central desta parte da obra: ou seja, a própria apicultura.

do próprio texto a fim de concluir que seu obscuro autor, provavelmente, pertencia à ordem senatorial da sociedade antiga, e que teria sido rico dono de terras:

Seu nome completo, segundo os manuscritos, era *Palladius Rutilius Taurus Aemilianus*; a forma quádrupla indica que ele veio de uma família de alto nível, e os nomes *Palladius* e *Rutilius* apontam para uma origem na Gália. Pouco sabemos sobre ele além do que ele mesmo nos conta, nomeadamente que tinha fazendas na Sardenha e na Itália, perto de Roma. [...] Os manuscritos o chamam de *uir inlustris*, título que começou a ser empregado na segunda metade do século IV, inicialmente para homens de posição mais elevada no Senado Romano, e posteriormente de forma mais ampla (Fitch, 2013, p. 11, tradução própria).⁴

Do ponto de vista composicional, temos em *Opus agriculturae* uma espécie de almanaque agrícola cronologicamente disposto: então, após um livro introdutório a apresentar preceitos gerais sobre a localização da fazenda, as edificações, terras e águas que deve conter etc., segue-se um bloco básico de mais doze livros. Neste bloco, do livro II até o XIII, cada uma das partes assim constituída é dedicada às tarefas cabíveis num mês específico do ano do agricultor,⁵ de janeiro a dezembro. O livro XIV – de resto, tardiamente incorporado às edições modernas da obra –⁶ focaliza aspectos terapêuticos da pecuária (de bovinos, equinos, ovinos, caprinos etc.), enquanto aquele ao fecho de *Opus agriculturae* é uma espécie de poema didático sobre a técnica do enxerto arbóreo.

Direcionando nossas análises, neste artigo, para a questão das abelhas e da apicultura em *De re rustica* e *Opus agriculturae*, estaremos em condições de obter boa amostragem de aspectos temáticos, estruturais e estilísticos⁷ das duas obras. De fato, um livro inteiro do tratado columeliano – o de número IX – se volta a oferecer preceitos sobre o tópico temático em pauta, enquanto ele se acha presente na maioria dos livros da obra de Paládio.⁸ Além disso, como esclareceremos na seção seguinte, não foi pequena a importância das abelhas e do mel para a economia e a vida cotidiana dos antigos, justificando-se assim o recorte deste assunto dentre tantos recobertos por ambos os tratados.

⁴ His full name, according to the manuscripts, was *Palladius Rutilius Taurus Aemilianus*; the quadruple form indicates that he came from a family of high standing, and the name *Palladius* and *Rutilius* point to an origin in Gaul. We know little about him beyond what he tells us himself, namely that he had farms on Sardinia and in Italy near Rome. [...] The manuscripts call him *uir inlustris*, a title which began to be employed in the second half of the fourth century, initially for men of the highest rank in the Roman Senate, and later more widely.

⁵ Tais tarefas recobrem tópicos de cultivo das terras – por meio do emprego de técnicas de plantio de cereais, hortaliças, árvores frutíferas e outras – e de trato dos animais – bovinos, equinos, aves, abelhas e criações distintas, mesmo antes do especializado livro XIV, ou *De ueterinaria medicina*.

⁶ Este livro não integrou as edições de *Opus agriculturae* anteriores ao início do séc. XX, pois se encontrava extraviado da maior parte das cópias manuscritas. Em 1925, porém, o filólogo sueco Joseph Svennung encontrou-o no códice *Ambrosianus C 212 inf.* (Martin, 1976, p. XXI).

⁷ Os trechos escolhidos para cotejo serão *De re rustica* IX, 15 e *Opus agriculturae* VII, 7, 2-3, relativos às prescrições para extrair mel das colmeias.

⁸ Paládio, *Opus agriculturae* I, 37-38; IV, 15; V, 7; VI, 10; VII, 7; VIII, 7; IX, 7; XI, 13; XII, 8.

Mel e apicultura em Roma Antiga: dimensionamento da importância

A disponibilidade e conhecimento de itens de consumo, no Mediterrâneo antigo, não pode ser sempre comparada com aquilo que temos hoje, no mesmo quesito. André (2009, p. 186), nesse sentido, faz atentar para a ignorância do emprego do açúcar de cana naquele contexto, pois a entrada de tal produto apenas ocorreu, na Grécia, entre os séc. VIII-IX d.C., com a posterior importação ao Ocidente – através do porto de Veneza – em fins do séc. X. O *saccharum*, mencionado em Plínio (*História Natural* XII, 32), não corresponde ao açúcar, tendo sido uma espécie de cristalização encontrável nos entrenós de certos bambus, a qual era importada da Índia para emprego restrito, na farmacopeia apenas (André, 2009, p. 186).

Diante dessas condições, o equivalente antigo do açúcar de cana na Antiguidade ocidental foi, indubitavelmente, o mel, de que se conheciam muitas variedades (De Chantal, 2010, p. 61). Na verdade, de acordo com as estações de extração, seu sabor poderia variar (mel de primavera, de verão, de outono e de inverno), com apreciadores mais aficionados por algum tipo específico que por outros. Para o próprio Columela (*De re rustica* IX, 14, 10), o de melhor qualidade era o outonal, enquanto Plínio (*História natural* XI, 41) o tinha em pouca estima, porque seria oriundo de flores de urze e apresentaria retrogosto amargo.

Outra maneira de fazer a distinção entre os tipos melíferos correspondia a considerar as ervas de que as abelhas retiravam o néctar para sintetizar o produto, bem como os métodos para sua extração dos favos. Quanto ao primeiro critério, assim como hoje dispomos de méis de laranjeira, flores silvestres, lavanda, eucalipto etc., os antigos conheciam aqueles de tomilho – especialmente apreciado –⁹, segurelha, serpão, manjerona etc. (André, 2009, p. 186). Por sua vez, o mel que se obtinha pelo escoamento espontâneo dos favos, sem pressioná-los, era dito *optimum* (“virgem”) e alcançava custo alto, sobretudo se não tivesse sido defumado durante a extração (*mel acapnon*).

Explica André (2009, p. 187) que, nos tempos do Édito de Diocleciano (301 d.C.),¹⁰ também era comercializado no Império o *mel secundum* (“não virgem”), a preço mais acessível. Esse produto de qualidade inferior, ainda, por vezes era cozido para melhora do gosto ou misturado àquele mais nobre, com idêntica finalidade. No tocante à presença do mel em uma culinária como a romana, tratava-se de algo universalizado e independente do estrato social dos usuários. Empregava-se, então, de forma simples – como item de entrada ou sobremesa, por vezes salpicado com sementes de papoula – ou no preparo de vários pratos, sobretudo molhos, carnes, alguns legumes e bolos (André, 2009, p. 189).¹¹

⁹ Tsigouri; Passaloglou-Katralli, 2000, p. 457: Greek thyme (*Thymus*) honey has been famous since antiquity for its special aroma and flavour [4]. It is produced from plants of the *Lamiaceae* family, that are found in Southern Greece and on the islands, and it represents 10% of the Greek honey crop [17]. – “O mel grego de tomilho (*Thymus*) tem sido famoso desde a Antiguidade, pelo seu aroma e sabor especial [4]. É produzido a partir de plantas da família *Lamiaceae*, encontradas no sul da Grécia e nas ilhas, e representa 10% da colheita de mel grego [17]”.

¹⁰ Silva, 2017, p. 90: Uma medida que buscou barrar a onda inflacionária foi a tentativa de congelamento de todos os preços mediante um édito publicado em 301 – o chamado Édito Máximo. Mais êxito teve a resolução dos problemas dos impostos e dos ingressos, através de uma pesada tributação como testemunhou Lactânio anos depois.

¹¹ Empregos adicionais do mel correspondiam ao uso no preparo de conservas de frutas – como se fosse uma espécie de calda natural – e à fabricação do hidromel, bebida fermentada cujo nome latino era *aqua mulsa*; nesse caso, tinha especial reputação a bebida fabricada na Frígia (André, 2009, p. 175). Por fim, Robert (1985, p. 286)

Outro produto de relevância desde os tempos dos gregos, fabricado pelas abelhas, era evidentemente a cera:

Ransome também fornece ampla evidência de que a cera era um importante produto das abelhas. Mesmo quando o produto melífero de uma região era ruim – ou venenoso –, a cera associada à produção do mel ainda era considerada valiosa. De acordo com Heródoto, os citas envolveriam seus reis em cera ao sepultá-los. Diodoro Sículo escreve que, embora o mel da Córsega fosse intragável, era produzido em tão grandes quantidades, com tanta cera sobrando do processo, que a cera representava grande parte da renda da ilha. A cera de abelha serviu a muitos propósitos: para modelagem; para recobrir tabuletas; para vedação; em metais, a fim de evitar oxidação (Toomey, 2021, p. 9, tradução própria).¹²

A importância econômica da apicultura é atestada pela onipresença de sua prática em todo o Império romano: por exemplo, o *Noricum*,¹³ a cidade de *Falerii*,¹⁴ Tarento, a Calábria e a Sicília – onde se obtinha o famoso mel do monte Hibla (Harissis, 2017, p. 24) – eram conhecidos entre os romanos pela abundância e qualidade de seus méis. Na obra *Rerum rusticarum libri III*, de Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.), citam-se em III, 16 vários apicultores bem-sucedidos do ponto de vista financeiro, como Seio – que anualmente arrendava suas colmeias por cinco mil libras de mel – e os irmãos Veiânios de *Falerii* – os quais nunca auferiam menos de dez mil sestércios pelo principal produto das abelhas.

Aspectos temático-estruturais da abordagem da apicultura em Columela e Paládio

O tratado columeliano *De re rustica* caracteriza-se por uma disposição dos assuntos agrícolas em que os sucessivos livros tendem a concentrar (sub)tópicos temáticos peculiares. Internamente ao bloco constituído pelos livros VI-IX – aquele identificado com a vasta seção sobre as criações, nesta obra –, o livro VI trata da pecuária de grandes animais (bois, touros, vacas, cavalos e mulas); o livro VII, daquela dos menores (burros, ovelhas, caprinos, suínos e cães); o livro VIII, dos animais de granja ou tanque (galinhas, pombos, rolas, tordos, gansos, patos, peixes); o livro IX, da apicultura, em seus vários desdobramentos.

comenta a importância dos vinhos condimentados com mel: Le vin miellé était conseillé pour ouvrir l'appétit et digérer. Pline raconte qu'Auguste rencontre un jour Pollion Romilius, alors plus que centenaire, et lui demanda son secret: "pour l'intérieur du vin miellé, pour l'extérieur de l'huile". – "Vinho com mel era recomendado para aguçar o apetite e a digestão. Plínio conta que um dia Augusto encontrou Polião Romílio, então com mais de cem anos, e perguntou-lhe o seu segredo: 'para o interior, vinho com mel; para o exterior, azeite'".

¹² Ransome also provides ample evidence for wax as an important product of the bee. Even when a region's honey product was bad – or poisonous – the wax associated with honey production was still considered valuable. According to Herodotus, Scythians would enclose their kings in wax upon burial. Diodorus Siculus writes that although Corsican honey was unpalatable, it was produced in such great quantities, with such an abundance of wax left from the process, that wax made up a large part of the island's income. Beeswax served many purposes: for modelling; to cover writing tablets; for sealing; on metals to prevent oxidation.

¹³ Trata-se de província situada além dos Alpes, a nordeste da Itália, a qual compreenderia partes das modernas Áustria e Hungria; sua população era, etnicamente, céltica (veja-se Virgílio, *Geórgicas* III, 478ss.).

¹⁴ Cidade do sul da Etrúria, na Itália central, em região habitada por povos conhecidos como "faliscos".

Como se nota, Columela parece ter arranjado os tipos de criação, no âmbito do *De re rustica*, de forma a seguir reduzindo pouco a pouco a escala dos animais abordados. Ou seja, parte-se dos macroscópicos touros, por exemplo, e chega-se gradualmente ao mundo em miniatura das abelhas. Poderíamos, em tal traço, divisar alguma participação da estrutura encontrável nas *Geórgicas* virgilianas: naquele poema didático, com efeito, os Cantos com conteúdo zoológico (III e IV) também se seguiam aos anteriormente imbuídos de temas vegetais. Além disso, sendo o terceiro Canto aquele dedicado à pecuária, iniciava-se focalizando grandes animais – bovinos e equinos – e continha, após um “segundo proêmio” (versos 284-294), assuntos ligados aos (menores) ovinos e caprinos.¹⁵

O Canto geórgico de número IV, por sua vez, concedia às abelhas não apenas o protagonismo temático, mas ainda contornos francamente antropomorfizantes, em escala diminuída. Assim, ciente da “pequenez” do tópico da apicultura desde os primeiros versos do Canto em pauta,¹⁶ Virgílio não deixava de considerar as colmeias desses insetos como relativo “espelho” das sociedades humanas, de maneira a apresentá-los sob o jugo de “reis”,¹⁷ inseri-los em meio a estruturas aproximáveis de edifícios e dotá-los de muitos comportamentos similares aos nossos:

E palmeira ou enorme zambujeiro sombreie o vestíbulo
para que, ao guiarem novos reis os primeiros enxames
em sua primavera e brincar a juventude saída
dos favos, margem vizinha convide a fugir do calor
e árvore exposta os retenha sob folhosas hospedagens
(Virgílio, *Geórgicas* IV, 20-24, tradução própria).¹⁸

[...]

Para que possam parar sobre pontes compactas
e as asas ao sol estival estender, caso, demorando,

¹⁵ Columela também “imita” Virgílio na medida em que reparte entre os livros VI e VII os temas pecuários que estavam concentrados em um único Canto das *Geórgicas*, o terceiro. Ora, Virgílio, em prosseguimento de temas botânicos antes tratados por Varrão em *Rerum rusticarum libri III*, já partira entre seus Cantos geórgicos I e II os temas varronianos do primeiro diálogo daquela obra.

¹⁶ Virgílio, *Geórgicas* IV, 1-7: *Protinus aerii mellis caelestia dona/ exsequar: hanc etiam, Maecenas, adspice partem./ Admiranda tibi leuium spectacula rerum/ magnanimosque duces totiusque ordine gentis/ mores et studia et populos et proelia dicam./ In tenui labor; at tenuis non gloria, si quem/ numina laeua sinunt auditque uocatus Apollo.* – “Logo os dons celestes do mel aéreo/ abordarei: também essa parte, Mecenas, considera./ Deves admirar espetáculos de coisas ligeiras,/ e grandiosos líderes, os hábitos, por ordens, de toda/ uma raça, seus gostos, povos e batalhas contarei./ Pequena a obra; mas não é vã a glória, se a alguém/ numes propícios secundam e Apolo, invocado, ouve”.

¹⁷ The *reges* of line 21 raises a question which was not settled till the sixteenth century. Among the ancients the queen-bee was universally supposed to be a male. [...] The sex was discovered by Swammerdam, the great Dutch naturalist (1637-1680). He also discovered that the queen does not lead or govern, but is simply the mother of the colony. – “O *reges* do verso 21 levanta uma questão que não foi resolvida até o século XVI. Entre os antigos, supunha-se universalmente que a abelha rainha era um macho. [...] O sexo foi descoberto por Swammerdam, o grande naturalista holandês (1637-1680). Ele também descobriu que a rainha não lidera nem governa, mas é simplesmente a mãe da colônia”.

¹⁸ Virgílio, *Geórgicas* IV, 20-24: “Palmaque uestibulum aut ingens oleaster obumbret, / ut cum prima noui ducent examina reges, / uere suo, ludetque fauis emissa iuuentus:/ uicina inuitet decedere ripa calori, / obuiaque hospitiis teneat frondentibus arbos”.

Euro atirado as respingue ou afunde em Netuno
(Virgílio, *Geórgicas* IV, 29-31, tradução própria).¹⁹

Semelhante modelagem das abelhas, acrescentamos, não é alheia aos direcionamentos dados à apicultura no livro IX do *De re rustica* columeliano. Diga-se, de início, que os versos geórgicos que acabamos de referir na verdade se encontram transcritos *ipsis litteris* pelo próprio Columela, no quinto capítulo desta subdivisão de sua obra, sendo Virgílio o autor mais citado nominalmente por esse tratadista.²⁰ Além disso, temos em Columela mais pontos afins à antropomorfização da raça das abelhas, como quando são citadas as “guerras civis” (*ciuilibus bellis*—livro IX, cap. 9) a que se entregam os enxames inimigos, suas “nações estrangeiras” (*exterioris gentibus*—livro IX, cap. 9), seu “fastio do lar paterno” (*patriam fastidians*—livro IX, cap. 12) etc.

No tocante aos temas em nexos técnico com a apicultura deste tratado, como bem observado por Santos (2014, p. 31),

o livro IX [...], embora contenha um primeiro capítulo dedicado à construção de viveiros para animais selvagens, refere-se basicamente à apicultura: as várias espécies de abelhas, escolha do lugar apropriado para o apiário, tipos de abrigo para as colmeias, das abelhas que se compram e se vendem, cuidados necessários, como identificar a abelha rainha, remédios para as abelhas, etc. Embora seja obra técnica em prosa, há citações ao longo do livro de versos retirados do canto IV das *Geórgicas*, o que indica a existência de uma rede de relações intertextuais que revelam a admiração que o agrônomo nutria pelo vate mantuano.

Muito peculiar, por sua vez, é a estruturação de *Opus agriculturae*, apesar de muitas vezes essa obra técnica ser referida como mero “compêndio da obra de Columela”.²¹ Pelo que dissemos na “Introdução” do artigo, já se pode entender que a grande diferença entre Paládio e seus predecessores no âmbito da literatura agrária greco-latina diz respeito à absoluta primazia concedida, na estrutura dessa obra tardia, ao aspecto do calendário agrícola. Explicamos que várias obras antigas em nexos temático com a agricultura – até aquelas exclusivamente poéticas, a exemplo d’*Os trabalhos e os dias* de Hesíodo (v. 765-828) e das *Geórgicas* (Canto I, 204-230) – já continham *trechos* associáveis a alguma disposição de conteúdos em formato cronológico.

¹⁹ Virgílio, *Geórgicas* IV, 29-31: “Pontibus ut crebris possint consistere, / et alas pandere ad aestivum solem, / si forte morantis sparserit, / aut praeceps Neptuno immerserit Eurus”.

²⁰ Armendáriz, 1995, p. 31: Virgilio constituye un caso especial; se le cita más de treinta veces, algunas mediante epítetos que suplen su nombre y que van desde el encendido *uerissimus uates* (1, 4, 4) al sencillo *poeta* (6, 27, 4), esto es, “el poeta” por antonomasia. Su devoción por Virgilio no impide, sin embargo, a nuestro Columela impugnar sus tesis cuando lo cree necesario, tal y como hace con los restantes autores llegado el caso. – “Virgílio constitui um caso especial; É citado mais de trinta vezes, algumas usando epítetos que substituem seu nome e que vão desde o ardente *uerissimus uates* (1, 4, 4) até o simples *poeta* (6, 27, 4), ou seja, ‘o poeta’ por excelência. A sua devoção a Virgílio não impede, porém, que nosso Columela conteste as suas teses quando o considera necessário, tal como o faz com os outros autores, se for o caso”.

²¹ Rodríguez, 2016, p. 7: [...] un compendio de la obra de Columela y otros autores, como Catón y Varrón, Vitrubio y Faventino (arquitectura), Gargilio (arboricultura y horticultura) y las *Geoponica* (que aúnan a diversos autores), unidos a varias adiciones propias. – “[...] um compêndio da obra de Columela e de outros autores, como Catão e Varrão, Vitruvío e Faventino (arquitectura), Gargílio (arboricultura e horticultura) e as *Geopônicas* (que reúnem vários autores), juntamente com vários acréscimos próprios”.

Esse também é o caso do *De agricultura* catoniano,²² dos *Rerum rusticarum libri III*²³ e do *De re rustica* de Columela, o qual, em seu livro X, dito *De cultu hortorum*, apresentava um

calendário agrícola no qual foram reunidas todas as tarefas e trabalhos do campo que se devem realizar em cada época do ano. Esta “agenda” do agricultor se inicia com os trabalhos de outono, de 24 de setembro a 9 de novembro [...]. O poema se acaba fechando o ciclo anual dos trabalhos com o retorno das labutas precoces de outono (Aguilar, 2006, p. 273, tradução própria).²⁴

Nada, porém, de comparável ao gesto de Paládio de concentrar o núcleo de seus preceitos em *doze livros* dedicados, em sua totalidade, a um mês específico do ano; por outro lado, como reforça Casas (1990, p. 33),²⁵ “Paládio oferecia pela primeira vez um almanaque baseado exclusivamente no calendário civil e político, sem sobreposições astrológicas”. Semelhante forma de conceber a escrita tratadística, ademais, pulveriza sensivelmente conteúdos – a exemplo da apicultura, do plantio de ervas hortenses, do trato a grandes ou pequenos animais etc. – que se encontravam concentrados em livros particulares de uma obra como a do referido *De re rustica*.

Isso porque, entende-se, o trato com um enxame de abelhas – envolvendo estabelecimento ou reparo de colmeias, atenção à saúde e bem-estar dos insetos, extração dos favos de mel e separação desse adoçante natural e da cera, entre outras laboriosas tarefas do apicultor – atravessa praticamente o ano todo, ou os vários meses que o constituem. Portanto, não haveria como Paládio abordar a questão das abelhas e de tudo o que lhes diz respeito, por exemplo, concentrando-as apenas no livro IV – referente ao mês de março – ou no livro V – referente ao mês de abril. Com efeito, segundo explica o agrônomo, muito depois, no mês de novembro, há ainda necessidade de purificar e proteger suas colmeias (livro XII, cap. 8).

Não devemos, no entanto, dizer que o aspecto temático não apresenta peso algum na estruturação de *Opus agriculturae*: como bem notado por Casas (1991, p. 36), entre os livros II-XIII os assuntos rústicos surgem de acordo com *certa ordem fixa de disposição*. Então, primeiro se dão preceitos de manejo e cuidado com o solo, sementeiras e enxertos; depois, seguem os tratos das

²² Goujard (1975, p. XXXIV) relata malogradas tentativas, no *De agricultura* catoniano (séc. III-II a.C.), de disposição das tarefas rústicas em sequência cronológica do cap. 23 ao cap. 53; essa obra, no entanto, ainda contém 109 capítulos até seu término.

²³ Casas, 1990, p. 33-34: El que aparece en el tratado de Varrón (I, 27-37) es fundamentalmente un calendario astral. El año se dividía en estaciones, de duración desigual; a su vez, se subdividía en ocho periodos, también desiguales, marcados por el comienzo del Favonio a primeros de febrero, los equinoccios, las dos fases de la constelación de las Pléyades, los solsticios y la Canícula. – “O que aparece no tratado de Varrão (I, 27-37) é fundamentalmente um calendário astral. O ano era dividido em estações, de duração desigual; por sua vez, subdividia-se em oito períodos, também desiguais, marcados pelo começo do Favônio no início de fevereiro, os equinócios, as duas fases da constelação das Plêiades, os solstícios e a Canícula”.

²⁴ “[...] calendario agrícola en el que están recogidas todas las tareas y las labores de campo que deben realizarse en cada época del año. Esta agenda del agricultor se inicia con los trabajos de Otoño, del 24 de septiembre al 9 de noviembre [...]. El poema concluye cerrando el ciclo anual de los trabajos con el retorno de las labores tempranas de Otoño”. Também em *Das coisas do campo* XI, 2, 3ss., livro majoritariamente destinado a descrever as obrigações do *uilius* (“capataz”) da fazenda, Columela junta um calendário que contém, além do tempo, as tarefas necessárias nas terras. Mas trata-se de um “calendário astronômico”, não de um “civil”.

²⁵ Casas, 1990, p. 33: Paladio ofrecía por primera vez un almanaque basado exclusivamente en el calendario civil y político, sin superposiciones astrológicas.

vinhas, oliveiras, hortaliças, pomares, animais domésticos e abelhas;²⁶ depois, a manufatura de produtos rústicos e as tabelas com indicação do comprimento das horas, num relógio de sol.

Dessa maneira, sem que se extrapolem os limites internos de cada livro do tratado, o critério temático contribui adicional e recorrentemente, ao lado do cronológico, para a disposição e organização dos principais assuntos sob exame pelo tratadista. Ainda devemos a Casas (1991, p. 36) a observação de que os tópicos contidos no livro I, por sua própria generalidade, dificilmente poderiam estar localizados na seção da obra identificada com o almanaque anual. Isso se dá pelo fato de ser extremamente difícil precisar qual mês específico do ano seria mais adequado para construir banhos em uma fazenda (cap. 39), calafetar estruturas arquitetônicas (cap. 40) e outras tarefas, inclusive, excludentes do trabalho sobre seres vivos.

Quanto aos estritos temas de apicultura, desenvolvidos de modo pulverizado, mas não desordenado, conforme se disse, ao longo de *Opus agriculturae*, são eles: em I, 37-38, as colmeias de abelhas (localização, feitio etc.) e a aquisição desses insetos; em IV, 15, suas doenças e seus tratamentos; em V, 7, a busca por abelhas na natureza e a purificação de suas moradas; em VI, 10, a eliminação de insetos parasitários das colmeias; em VII, 7, temos tópicos variados (retirada e preparo do mel e da cera, conservação e sinais dos enxames e de suas rainhas, empobrecimento dos enxames, substituição das colmeias); em VIII, 7, a confecção do hidromel; em IX, 7, nova eliminação de insetos parasitários de junto das colmeias; em XI, 13, nova remoção do mel, porém cuidando de deixar reservas às abelhas, para se alimentarem no inverno; em XII, 8, ocorrem mais avisos contra a retirada excessiva do alimento dos insetos, com aconselhamentos para a última purificação possível das colmeias, antes do início do inverno, e a proteção de tais moradas contra os rigores da estação (vedando rachaduras, cobrindo-as com ramos etc).

Estilo em Columela e Paládio: fumigação da colmeia e extração do mel

As diferenças no modo de exprimir-se entre Columela e Paládio têm sido notadas desde há muito tempo, pelo público consumidor do tipo de literatura que produziram ou pelos críticos. Como relata Armendáriz (1995, p. 33), [Flávio Magno Aurélio] Cassiodoro, antigo funcionário na corte do rei ostrogodo Teodorico, o Grande, e depois religioso (além de escritor sobre temas variados, no séc. VI d.C.), já distinguia claramente entre o relativo “rebuscamento” do primeiro e a simplicidade do outro:

O agrônomo de Cádiz sem dúvida queria dar ao objeto de seu estudo uma carta de cidadania na república das letras; mais tarde veremos como sua linguagem cuidada e elegante seria um obstáculo para a posterior difusão de sua obra. Plínio o Velho e Paládio criticarão – com alusão velada a Columela – o uso de um estilo elaborado quando o assunto e o destinatário da obra requerem, ao contrário, uma exposição simples; e Cassiodoro, no limiar da Idade Média, recomendará aos seus monges analfabetos a clareza absoluta (*planissima lucidatio*) de Paládio, diante de um Columela difícil, mais adequado para os cultos do que para os ignorantes (1995, p. 33, tradução própria).²⁷

²⁶ Tal ordem, notamos, reproduz a estrutura das *Geórgicas* e do *De re rustica*, ao pospor os assuntos zoológicos aos botânicos; ainda, na parte sobre os animais, deixando as pequenas abelhas para o fim.

²⁷ El agrónomo de Gades [Columela] quiso sin duda dar al tema objeto de su estudio carta de ciudadanía en la república de las letras; más adelante veremos cómo su lengua cuidada y elegante supondría un obstáculo para

Por sua vez, um estudo especializado de Rodríguez (2016, p. 8) inicia suas colocações a respeito do estilo de um e outro autor técnico lembrando certas palavras de Paládio no pequeno próêmio da obra *Opus agriculturae*. Segundo elas, “a prudência começa pela avaliação da própria pessoa a quem se há de preceituar”,²⁸ ou seja, como o público provável do tratado seriam os “novos proprietários agrícolas que começaram a existir a partir do século IV” (Rodríguez, 2016, p. 8, tradução própria),²⁹ não faria sentido sobrecarregar seu texto com artifícios como “questões retóricas, arcaísmos ou reflexões próprias” (Rodríguez, 2016, p. 9, tradução própria).³⁰ Contrastivamente, no *De re rustica* de Columela “encontramos [...] procedimentos excessivos (*sic*) escolhidos pelo autor para embelezar seu estilo, como a *uariatio*, seja na sintaxe ou no léxico, analogias, paralelismos, inovação lexical e sintática etc” (Rodríguez, 2016, p. 8, tradução própria).³¹

Na verdade, sem que o padrão compositivo paladiano seja de todo isento de artifícios,³² é justo entender sua alegada “simplicidade”, diante da obra de Columela, como algo comparativa e relativamente válido. Além disso, o último autor, devido às inclinações do gosto literário de sua época – que coincide com o principado de Nero (54-68 d.C.) –, foi muito influenciado pelos tratados retóricos de Cícero; tem no refinado Virgílio importante e amiadado, como vimos, parâmetro para o próprio texto; recorre, enfim, à erudição de Cornélio Celso, enciclopedista e médico romano do séc. I d.C. (Rodríguez, 2016, p. 8, tradução própria).

Alguns recursos de diferenciação, efetivamente, linguístico-estilística a envolverem os dois escritores em pauta correspondem, no entender da mesma estudiosa (Rodríguez, 2016, p. 14ss.) – em análise a trechos distintos dos que comentamos aqui –³³, ao emprego de vocabulário mais técnico por Columela, enquanto Paládio opta por um mais geral; à preferência columeliana por estruturas mais complexas ou subordinadas, enquanto seu “sucessor” fragmenta as frases em unidades menores, por vezes coordenando-as ou apenas justapondo; à relativa diminuição no emprego de certos verbos ou expressões impessoais (como *oportet* = “convém”), em se tratando do agrônomo tardio etc.

O exame em cotejo de *De re rustica* IX, 15 e *Opus agriculturae* VII, 7, 2-3 permitirá que registremos nossas próprias impressões sobre a “distância” entre o estilo columeliano e aquele de Paládio. Os dois autores, efetivamente, focalizam no começo das passagens trans-

la difusión posterior de su obra. Plinio el Viejo y Paladio criticarán –con velada alusión a Columela– el uso de un estilo rebuscado cuando el tema y el destinatario de la obra requieren al contrario una exposición sencilla; y Casiodoro, en el umbral de la Edad Media, recomendará a sus monjes iletrados la absoluta claridad (*planissima lucidatio*) de Paladio, frente a un Columela difícil, más adecuado para las gentes cultivadas que para los ignorantes.

²⁸ Paládio, *Opus agriculturae* I (próêmio): *pars est prima prudentiae ipsam, cui praecepturus es, aestimare personam*.

²⁹ [...] nuevos propietarios agrícolas que empezaron a existir a partir del siglo IV.

³⁰ [...] interrogaciones retóricas, arcaísmos o reflexiones propias.

³¹ [...] encontramos [...] excesivos procedimientos elegidos por el autor para embellecer su estilo, como pueden ser la *uariatio*, ya sea en la sintaxis o en el léxico, analogías, paralelismos, innovación léxica y sintáctica, etc.

³² Casas, 1990, p. 12-13: Casi todas las figuras retóricas tenían cabida en algún lugar del *Opus agriculturae*. En estudios posteriores se advertía que el recurso de la *uariatio* y a la personificación era frecuente y que su prosa estaba sometida a clausulas rítmicas. –“Quase todas as figuras de linguagem tinham espaço em algum lugar do *Opus Agriculturae*. Em estudos posteriores, notou-se que o uso de *uariatio* e personificação era frequente e que sua prosa estava sujeita a cláusulas métricas”.

³³ Sendo eles, entre outros, *De re rustica* II, 10, 25-28 e *Opus agriculturae* V, 1; *De re rustica* II, 10, 25-28 e *Opus agriculturae* V, 1.

critas o delicado momento de extração do mel das colmeias, quando as abelhas, por instinto de defesa, tornam-se agressivas e podem ferir os apicultores com os ferrões. Isso justifica, desde tempos antiquíssimos,³⁴ a aplicação de fumaça junto aos enxames, pois seu odor lhes é desagradável e, assim, dispersam-se:

Columela, *De re rustica* IX, 15

Tradução de Gilson José dos Santos

Dies uero castrandi fere matutinus occupandus est. Neque enim conuenit aestu medio exasperatas apes laccessiri. [...] Sed ubi a posteriore parte, qua nullum est uestibulum, patefactum fuerit alueare, fumum admouebimus factum galbano uel arido fimo. Ea porro uase fictili prunis immixta conduntur: idque uas ansatum simile angustae ollae figuratur, ita ut altera pars sit acutior, per quam modico foramine fumus emanet: altera latior, et ore paulo latiore, per quam possit afflari. Talis olla cum est alueari obiecta, spiritu admoto fumus ad apes promouetur. Quae confestim nidoris impatientes in priorem partem domicilii, et interdum extra uestibulum se conferunt. [...] Saligneus qualus, uel tenui uimine rarius contextus saccus, inuersae metade similis, qualis est quo uinum liquatur, obscuro loco suspenditur: in eum deinde carptim congeruntur faui. Sed adhibenda cura est, ut separentur eae partes cerarum, quae uel pullos habent, uel rubras sordes. Nam sunt mali saporis, et succo suo mella corrumpunt.

Na verdade, a manhã *deve geralmente ser empregada para a extração*, pois não convém que se importunem abelhas quando exasperadas pelo calor do meio-dia. [...] Mas quando a colmeia tiver sido aberta pela parte posterior, em que não há entrada alguma, introduziremos *fumaça feita com gálbano ou com esterco seco*. Ainda se coloca isso, misturado com brasas, em um vaso de cerâmica: *molda-se esse vaso com asas como um pote estreito*, de modo que seja mais fina uma parte donde saia a fumaça através de estreita abertura; a outra, mais larga e com a boca um pouco maior, por onde se *possa soprá-lo*. Tal pote, quando é posto diante de uma colmeia, a fumaça é levada às abelhas pelo sopro. Elas, sem tolerar o cheiro de queimado, *deslocam-se imediatamente para a parte anterior da colmeia e, por vezes, para fora da entrada*. [...] *Um cesto de salgueiro ou um saco de vime fino tecido grosso, semelhante a um cone invertido, como aquele em que o vinho é coado, é pendurado em lugar escuro*; depois, os favos são empilhados nele aos pedaços. Mas deve-se ter o cuidado *de que* aquelas partes da cera *que* contêm crias ou impurezas vermelhas sejam separadas, porque têm sabor ruim e corrompem os méis com seu sumo.

Paládio, *Opus agriculturae* VII, 7, 2-3

Tradução própria

Castrabuntur autem aluearia matutinis horis, cum torpent apes nec caloribus asperantur. Fumus admouetur ex galbano et arido fimo bubulo, quem in pultario factis carbonibus conuenit excitare: quod uas ita figuratum sit, ut uelut inuersi infidubli angusto ore fumum possit emittere. Atque ita cedentibus apibus mella recidentur. [...] Nunc mella conficimus congestis in mundissimum sabanum fauis ac diligenter expressis. Sed antequam premamus, partes fauorum corruptas uel pullos habentes recidemus: nam malo sapore mella corrumpunt.

Mas se *castrarão* as colmeias nas horas da manhã, quando as abelhas estão entorpecidas e não irritadas pelo calor. *Emprega-se fumaça de gálbano e de esterco bovino seco*, que convém produzir com carvões postos num vaso de argila. Tal vaso seja conformado de modo que possa *soltar* a fumaça por boca estreita, como a *de um funil invertido*. E assim, *saindo as abelhas*, os méis serão extraídos. [...] Agora obtemos os méis, *reunidos os favos em tecido limpíssimo e diligentemente pressionados*. Mas, antes de pressionar, cortaremos as partes dos favos estragadas ou *contendo* filhotes: com efeito, corrompem os méis com sabor ruim.

Um primeiro aspecto que se destaca, na leitura conjunta de tais passagens, é o maior detalhamento (e, conseqüentemente, prolixidade) dos “mesmos” preceitos no texto de

³⁴ Harissis, 2017, p. 26: Just as modern apiarists do, ancient apiarists smoked the bees in order to pacify them (Pl. *Phdr* 91 C; Arist. *Hist. an.* 623b; Plin. *HN* 11.15.45; Verg. *G.* 4.228; *Geoponica* 15.5, 15.6). This practice is already depicted on a relief from an Egyptian temple (where horizontal beehives are present as well), which dates to c. 2400 BCE, and on wall paintings of the Egyptian grave of Rekhmire, of 1450 BCE. – “Assim como fazem os apicultores modernos, os antigos apicultores fumigavam as abelhas para pacificá-las (Pl. *Phdr* 91 C; Arist. *Hist. an.* 623b; Plín. *HN* 11.15.45; Virg. *G.* 4.228; *Geoponica* 15.5, 15.6). Esta prática já está representada num relevo de um templo egípcio (onde também estão presentes colmeias horizontais), que data de c. 2.400 a.C., e em pinturas murais do túmulo egípcio de Rekhmire, de 1450 a.C.”

Columela. Dessa maneira, um ponto como a descrição detida da forma do vaso cerâmico que será empregado para a fumigação – apresentando “asas” etc. –, bem como detalhes de seu funcionamento ou uso – recorrendo ao gesto do sopro, pela abertura maior –, são omitidos em Paládio. Então, em vez da atenção columeliana a tantos pormenores, quando referiu o objeto em jogo, uma expressão do escritor tardio se presta a apresentá-lo de modo muito sucinto, mas eficaz (*ueluti inuersi infidibuli* – “como a *de um funil invertido*”); pelo mesmo autor, ainda, apenas é dada a ideia de que o utensílio deve “soltar” (*emittere*) a fumaça, com indeterminação de tal processo.

No começo das passagens de Columela e Paládio, por outro lado, embora sempre se fale na necessidade de castrar as colmeias nas horas matutinas – quando as abelhas se acham menos agitadas do que ao meio-dia, por ser menor o calor –, a morfossintaxe do primeiro autor já se configura em certo sentido como algo mais rebuscado. Então, ao empregar o genitivo de gerúndio *castrandi* (“de/para a extração”), bem como a conjugação perifrástica passiva³⁵ constituída por *occupandus est* (“deve ser empregada”), o agrônomo de Cádiz concentra em curto espaço textual nada menos que duas formas nominais (gerúndio e gerundivo, a saber) de verbos distintos.

Em contrapartida, a primeira frase paladiana, com conteúdo muito semelhante, não apenas evita qualquer forma nominal como, ainda, restringe a morfologia do verbo sempre ao emprego do modo indicativo: vejam-se, assim, *castrabuntur* (“se castrarão” = futuro do indicativo passivo), *torpent* (“estão entorpecidas” = presente do indicativo ativo) e *asperantur* (“são irritadas” = presente do indicativo passivo). Fazemos, no entanto, atentar para o fato de este mesmo agrônomo servir-se no contexto de uma oração subordinada adverbial temporal (*cum torpent apes nec caloribus asperantur* – “quando as abelhas estão entorpecidas e não irritadas pelo calor”) ausente em Columela, desmentindo-se então a suposta “inferioridade” de estilo de Paládio em absolutamente todas as circunstâncias.

Quando as instruções prosseguem, com indicação das fontes para obtenção da fumaça – invariavelmente, em ambos os autores, através da combustão da resina vegetal dita “gálbano”³⁶ e do esterco (bovino) –, as diferenças de estilo entre um e outro autor ainda se mostram. Assim, Columela continua, embora de forma sutil, a manifestar inclinação pelo uso de formas nominais dos verbos (veja-se *fumum... factum* – “fumaça... feita”), pois recorre a um particípio passado; com isso, evidentemente, sua “paleta” morfológica se enriquece no contexto. Em contrapartida, Paládio, que prescindiu desse particípio ou de algo que lhe seja semelhante, acrescenta um detalhe à caracterização do esterco (*et arido fimo bubulo* – “e de esterco bovino seco”).

A maior prolixidade – e detalhamento – do estilo columeliano ainda se manifesta no ponto em que a saída das abelhas, incomodadas com a fumaça, é descrita pelo agrônomo, havendo então referências a elas se deslocarem “para a parte anterior da colmeia”

³⁵ Essa conjugação consiste, como demonstra Ravizza (1956, p. 118-119), em juntar ao gerundivo – no caso nominativo singular ou plural, dependendo do número do sujeito verbal – o verbo *esse* conjugado em vários tempos ou mesmo no infinitivo, conforme a necessidade. Ex. *amandus sum* (“eu hei de ser amado”); *amandus fui* (“eu houve de ser amado”); *amandus, amandam, amandum esse* (“haver de ser amado/-a”). Dá-se, então, ideia simultânea de obrigação e passividade; a mesma perífrase verbal tem uso na oração infinitiva do latim, circunstância em que o gerundivo perifrástico se emprega no caso acusativo, concordando com o sujeito de tal tipo de construção.

³⁶ O original traz *galbanum*, -i, tratando-se de espécie identificada como *Ferula galbaniflua* Boiss. & Buhse (André, 2010, p. 108); possui ação anti-inflamatória, antisséptica etc.

(*in priorem partem domicilii*) e (por vezes) “para fora da entrada” (*extra uestibulum*). Isso tudo a rigor se resume, em Paládio, no emprego de duas meras palavras que constituem estrutura de ablativo absoluto (veja-se *cedentibus apibus* – “saindo as abelhas”), propiciando-se espontaneamente a concisão já pelo fato de tal construção, sempre, ser alheia a qualquer emprego conjuncional.³⁷

Ademais, tratando dos procedimentos de extração melífera, Columela menciona “um cesto de salgueiro ou um *saco* de vime fino tecido grosso” (*saligneus qualus, uel tenui uimine rarius contextus saccus*). Mas Paládio fala, apenas, em depositar os favos sobre “tecido limpíssimo” (*mundissimum sabanum*), sem tecer comparações ou dar maiores detalhes a respeito dessa espécie de filtro para separar o mel da cera. Por fim, quando Columela comenta o cuidado relativo à necessidade de eliminação das partes dos favos a apresentarem “crias ou impurezas vermelhas” (*uel pullos habent, uel rubras sordes*), verificamos que suas explicações são mais longas, sendo também as estruturas gramaticais mais complexas que as paladianas³⁸ (com emprego, aqui, de uma oração subordinada substantiva completiva nominal introduzida por *ut* = “de que” e de uma subordinada adjetiva restritiva introduzida por *quae*).

Conclusão

As obras *De re rustica*, de Columela, e *Opus agriculturae*, de Paládio, são – cada qual à sua maneira – bastante representativas da literatura técnica latina, no âmbito agrônômico. No tocante à abordagem da apicultura em um e outro tratado antigo, como vimos, a primeira obra segue sua tendência geral de concentrar esse assunto basicamente em um único livro, o de número IX, enquanto Paládio o dispersou e distribuiu ao longo de nove livros do *Opus agriculturae* (sobretudo, naqueles do almanaque anual).³⁹ Mas os conteúdos em nexos com as abelhas, o mel, a cera etc são semelhantes nos dois autores, como seria esperado por ser Columela uma das principais fontes do tratado paladiano (Fitch, 2013, p. 13).

Por sua vez, a leitura de perto das passagens atinentes a *De re rustica* IX, 15, conjuntamente com *Opus agriculturae* VII, 7, 2-3, revela dois autores capazes de comunicar-se com clareza técnica, embora Columela o faça de forma mais prolixa e elaborada. Nesse idêntico quesito do padrão expressivo, Paládio, se não prima sempre pela *uariatio* – por exemplo, restringindo eventualmente o espectro dos modos dos verbos e manifestando “contenção” local quanto ao uso das formas nominais da mesma classe de palavras –, não deixa de afinar os sentidos do dito por meio de equilibrada adjetivação elucidativa, certo emprego de subordinações sintáticas etc. Assim, o exame das duas obras em pauta, com foco em detalhes da apicultura, assume para o estudioso moderno desta literatura inclusive papel de vislumbre de duas concepções (bem) distintas sobre a arte antiga da escrita tratadística.

³⁷ O ablativo absoluto é uma construção típica do latim. Em uma oração subordinada *reduzida de participio*, com um substantivo e um participio, ambos vão para o caso ablativo. A principal característica do ablativo absoluto é a ausência total de vínculos entre ele mesmo e a proposição principal (Ravizza, 1956, p. 239).

³⁸ Com efeito, este agrônomo tardio não se serve de subordinação sintática na passagem, por exemplo empregando o sintético participio presente *habentes* (“contendo”) como recurso para evitar a construção com *quae* relativo, encontrável em Columela.

³⁹ Ver *supra* nota 8.

Referências

- AGUILAR, David Paniagua. *El panorama literario técnico-científico en Roma (siglos I-II d.C.)*. Salamanca: Universidad de Salamanca, 2006.
- ANDRÉ, Jacques. *L'alimentation et la cuisine à Rome*. Paris: Les Belles Lettres, 2009.
- ANDRÉ, Jacques. *Les noms des plantes dans la Rome Antique*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.
- ARMENDÁRIZ, José-Ignacio García. *Agronomía y tradición clásica: Columela en España*. Sevilla/Cádiz: Universidad de Sevilla/Universidad de Cádiz, 1995.
- CASAS, Ana María Moure. Introdução. In: PALADIO. *Tratado de agricultura; Medicina veterinária; Poema de los injertos*. Traducción, introducción y notas de Ana María Moure Casas. Madrid: Gredos, 1990. p. 7-71.
- COLUMELLA. *On agriculture*. London: Harvard University Press, 1968. 3 v.
- DE CHANTAL, Laure (org.). *À la table des anciens*. Paris: Les Belles Lettres, 2010.
- FITCH, John G. Introduction. In: PALLADIUS. *The Work of Farming. A New Translation From the Latin by John G. Fitch*. London: Prospect Books, 2013. p. 11-28.
- GOUJARD, Raoul. Introduction. In: CATON. *De l'agriculture*. Texte établi, trad. et commenté par Raoul Goujard. Paris: Les Belles Lettres, 1975. p. VII-LIV.
- HARISSIS, Haralampos V. Beekeeping in Prehistoric Greece. In: HATJINA, Fani; MAVROFRIDIS, Georgios; JONES, Richard (org.). *Beekeeping in the Mediterranean: From Antiquity to the Present*. Nea Moudania: Hellenic agricultural organization "Demeter", division of apiculture, 2017. p. 18-39.
- MARTIN, Régis F. Introduction. In: PALLADIUS. *Traité d'agriculture: livres I et II*. Texte établi et traduit par Régis F. Martin. Paris: Les Belles Lettres, 1976. p. VII-LXVII.
- PALLADII RUTILII TAURI AEMILI. *Opus agriculturae*. Ex recensione J. C. Schmittii. Lipsiae: G. B. Teubner, 1898.
- RAVIZZA, João. *Gramática latina*. Niterói: Escola Industrial Dom Bosco, 1956.
- ROBERT, Jean-Noël. *La vie à la campagne dans l'Antiquité romaine*. Paris: Les Belles Lettres, 1985.
- RODRÍGUEZ, Elena López. *Análisis crítico y filológico de Columela y Paladio*. Salamanca: Ediciones Universidad de Salamanca, 2016.
- ROYDS, Thomas Fletcher; FOWLER, William Warde. *The Beasts, Birds, and Bees of Virgil: a naturalist's handbook to the Georgics*. Oxford: Blackwell, 1914.
- SANTOS, Gilson José dos. *Literatura agrária latina: tradução e estudo do De Re Rustica (livro IX) de Columela, e Geórgicas (canto IV), de Virgílio*. Orientador: Matheus Trevizam. 2014. 184 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: https://repositorio.ufmg.br/bitstream/1843/ECAP-9GXP94/1/1_disserta_ao.pdf. Acesso em: 31 jul. 2024.
- SILVA, Diogo Pereira. A reestruturação político-administrativa do império romano na época de Diocleciano e da Tetrarquia (284-305). *Revista Classica*, São Paulo, v. 30, n. 1, p. 85-102, 2017. Disponível em: <https://revista.classica.org.br/classica/article/view/420/380>. Acesso em: 31 jul. 2024.

TOOMEY, Melissa E. *The Poet and the Bee in Classical Literature*. First reader and advisor: Matthew Roller. 2021. 227 f. Thesis (Degree of Doctor of Philosophy) – Department of Classics, Johns Hopkins University. Baltimore, 2021.

TSIGOURI, Angeliki; PASSALOGLOU-KATRALI, Maria. "A Scientific Note on the Characteristics of Thyme Honey from the Greek Island of Kithira". *Apidologie*, Paris, v. 31, n. 3, p. 457-458, 2000.

VIRGILE. *Géorgiques*. Texte établi et traduit par E. de Saint-Denis. Paris: Les Belles Lettres, 1998.